

**TEMA****VIDA COM VALORES
FORMAÇÃO NA FAMÍLIA**

A Semana da Vida, que a Comissão Episcopal do Laicado e Família vem propondo anualmente, foi criada com o *objectivo principal* indicado pelo Papa João Paulo II, de “*suscitar nas consciências, nas famílias, na Igreja e na sociedade, o reconhecimento do sentido e valor da vida humana em todos os seus momentos e condições, concentrando a atenção de modo especial na gravidade do aborto e da eutanásia, sem contudo menosprezar os outros momentos e aspectos da vida, que mereçam ser, de vez em quando, tomados em atenta consideração, conforme a evolução da situação histórica sugerir*” (EV 85).

Desejaríamos festejar uma clara prevalência das luzes sobre as sombras. A *defesa da vida* continua tarefa ingente e árdua, não se tratando simplesmente de alguns aspectos da vida, esquecidos ou descurados, mas da própria vida depreciada, desconsiderada e espezinhada, e sobretudo de uma grande multidão de seres humanos débeis e indefesos, oprimidos no seu direito fundamental à vida (cf. EV 5). No contexto de uma *acentuada mutação cultural* marcada pela ausência de valores éticos fundamentais, exige-se a resposta de todos, *criativa e ousada, na construção e afirmação de uma nova cultura da vida humana* (cf. EV 6; CEP, Nota Pastoral de 16/2/2007).

I. Toda a pessoa abriga no seu íntimo um sim à vida

Crentes ou não crentes, todos podem escutar, no mais íntimo de si mesmos, o apelo à *reafirmação precisa e firme da vida humana e da sua inviolabilidade em todos os seus momentos e condições* (cf. EV 2). Aliás, é antes de mais a partir desta “*subjectividade*” profunda e comum que se formam as consciências colectivas e as culturas de base em que assentam as normas sociais fundamentais. A todos incumbe, sem excepção, o dever grave de respeitar a vida como o primeiro e mais precioso dos bens. A vida, a dignidade e os direitos fundamentais da pessoa são as referências basilares de qualquer forma de convivência humana.

De modo particular, devem defender e promover o direito à vida os crentes em Cristo, conscientes do *valor incomparável de cada pessoa* que foi dignificada pela união que o Filho de Deus estabeleceu com a nossa humanidade (cf. *ibidem*). Além da luz que também perscrutam no seu íntimo, os cristãos vislumbram um *novo horizonte e o rumo decisivo da vida, a partir do acontecimento e da Pessoa de Jesus Cristo* (cf. *Deus Caritas est*, I), na certeza de terem sido *admiravelmente criados e ainda mais admiravelmente redimidos*. A novidade cristã,

5.2. Jamais dispensados de amar

Além do matrimónio e da virgindade pelo Reino, outras formas de relacionamento exprimem também, a seu modo, a vocação primeira de toda a pessoa para a comunhão, à semelhança de Deus. Não tão expressivos mas nunca banais, esses encontros com o próximo foram igualmente contemplados por Jesus, nomeadamente no espírito do Sermão da Montanha (cf. Mt 5), no amor ao próximo como a si mesmo, inseparável do amor a Deus acima de tudo (cf. Mt 22,34-40) e no seu Mandamento novo: “*Como Eu vos ameij, vós também deveis amar-vos uns aos outros*” (Jo 13,34). Na Família de Nazaré, como nos diversos modos de participação na vida social e religiosa, Jesus tornou-se para todos Evangelho vivo, na coerência máxima do que fazia com o que pensava e dizia.

6. Na família o homem pode nascer com dignidade, crescer e desenvolver-se

“*Como Jesus pôs em evidência, honrando a Virgem Maria e São José, a família ocupa um lugar primário na educação da pessoa. É uma verdadeira escola de humanidade e de valores perenes. Ninguém se deu a vida a si mesmo. Recebemos de outros a vida, que se desenvolve e amadurece com as verdades e os valores que aprendemos no relacionamento e na comunhão com os demais. Neste sentido, a família fundada no matrimónio indissolúvel entre um homem a uma mulher expressa esta dimensão de relacionamento, filial e comunitária, e é o âmbito onde o homem pode nascer com dignidade, crescer e desenvolver-se de maneira integral*” (Bento XVI Discurso no VI Encontro Mundial das Famílias, 3).

“*No entanto, esta obra educativa é dificultada por um conceito errado de liberdade, em que o capricho e os impulsos subjectivos do indivíduo são exaltados a ponto de deixar cada um encerrado na prisão do próprio ego. A verdadeira liberdade do ser humano provém do facto de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus e, por isso, deve ser exercida com responsabilidade, optando sempre pelo bem verdadeiro, a fim de se transformar em amor, em dom de si mesmo. Para isto, mais do que teorias, são precisos a proximidade e o amor característicos da comunidade familiar. É no lar que se aprende a viver verdadeiramente, a valorizar a vida e a saúde, a liberdade e a paz, a justiça e a verdade, o trabalho, a concórdia e o respeito*” (*ibidem*).

* * *

EV – *Evangelium vitae*. Carta encíclica (25.3.1995) sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana, de João Paulo II.

FC – *Familiaris consortio*. Exortação apostólica (22.11.1981) sobre a função da família cristã no mundo de hoje, de João Paulo II.

CIC – *Catecismo da Igreja Católica*.

que nos ilumina, compromete-nos a levar ao mundo o mesmo fermento transformador do Evangelho.

2. Interpelados por um novo contexto social

A Semana da Vida vem focando, cada ano, aspectos a que a actualidade confere especial premência. Após o Referendo de Fevereiro de 2007, que abriu a porta à legalização da prática do aborto, a Igreja, não se eximindo ao dever de ajudar a descobrir as causas de tão grande vazio ético na sociedade portuguesa, propôs-se enfrentar com realismo as que mais directamente lhe digam respeito, designadamente, a preocupante fragilidade do processo evangelizador (cf. CEP, *ibidem* 1 e 2). Numa situação de debate de civilização, as Semanas da Vida 2007 e 2008 incidiram sobre a evangelização em ordem à conversão pessoal e à transformação das consciências e das mentalidades. Dando-lhes continuidade, a Semana da Vida 2009, sob o tema “Vida com Valores – Formação na Família”, acolhe a mensagem do mais recente Encontro Internacional das Famílias, sobre “A Família, Formadora nos Valores humanos e cristãos”. O desafio é claro. A necessária mudança de mentalidade interpela a nossa missão evangelizadora, de modo particular dos jovens, das famílias e dos novos dinamismos sociais (cf. CEP, *ibidem* 3).

3. A família, escola única de humanidade

A família, santuário da vida, é também “uma escola de humanidade e de vida cristã para todos os seus membros, com consequências benéficas para as pessoas, para a Igreja e para a sociedade” (Bento XVI, *Mensagem ao VI Encontro Mundial das Famílias*, 2). Por essa razão, uma evangelização cuidada que responda ao vazio de valores éticos na sociedade não pode esquecer a família como destinatária e como sujeito activo dessa evangelização. “A família cristã, reafirma Bento XVI, vivendo a confiança e a obediência filial em Deus, a fidelidade e o acolhimento generoso dos filhos, o cuidado pelos mais frágeis e a prontidão a perdoar, transforma-se num Evangelho vivo que todos podem ler, um sinal de credibilidade talvez mais persuasivo e capaz de interpelar o mundo contemporâneo” (*ibidem*, 4).

4. Pessoa e família, duas realidades inseparáveis

Esta Semana da Vida 2009 será, talvez ainda mais que as anteriores, a afirmação clara de que a defesa da vida está intimamente ligada à defesa da família, hoje tantas vezes desvalorizada, depreciada e mesmo atacada. Defender e apoiar as famílias a fim de que os seus membros sejam pessoas livres e ricas de valores humanos e evangélicos é o caminho mais directo e eficaz para garantir a dignificação da vida e o melhor serviço que se pode oferecer à sociedade (cf. Bento XVI, *Discurso de Encerramento do VI Encontro Mundial das Famílias*, 2). Não esquecendo que a resposta cristã diante dos desafios que a família e a vida humana em geral devem enfrentar, consiste em reforçar a confiança no Senhor e o vigor que brota da própria fé, que se alimenta da escuta atenta da Palavra de Deus (*ibidem*), não deixamos de nos deter na

consideração da verdade da pessoa humana, em ligação íntima com a verdade da família, à luz da Palavra de Deus, que se revelou de forma plena e definitiva em Jesus Cristo.

5. Criados para a comunhão, à imagem de Deus revelado em Jesus Cristo

Ao ter que corrigir o descaminho do divórcio, Jesus não se limitando a declarar “Não separe o homem o que Deus uniu” (Mt 19,6) apontou para a verdade nativa da humanidade, segundo o projecto divino: “Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gn 1,27; cf. Mt 19, 4-6). Esta verdade sobre a humanidade, que surge, desde logo, também como verdade sobre a família, adquire nova luz ao ser recapitulada em Cristo. Assim acontece com o alcance das afirmações “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” e “criou-o à imagem de Deus, Ele os criou homem e mulher”. Jesus abre-nos à nossa identidade desvendando a identidade de Deus, uno e único, na comunhão das três Pessoas divinas: Ele, o Filho, é totalmente dom para o Pai, e o Pai é totalmente dom para o Filho, ao ponto de terem um só e mesmo Espírito. Alguém disse já que o Espírito Santo é o “Nós” do Pai e do Filho. Em que consiste, então, a nossa semelhança? Por certo e antes de mais, no amor e comunicação interpessoal de um “eu” e de um “tu” distintos, que se reúnem num “nós”. Sermos dom para alguém que é dom para nós, o que se torna singularmente expressivo no amor dos cônjuges e nos laços de paternidade e filiação, é em nós reflexo da imagem de Deus. Ao contrário, o egoísmo ou narcisismo, negação absoluta desta imagem e semelhança, destroem a verdade e identidade nativas e profundas da nossa humanidade.

5.1. Dois modos de exprimir e viver o Mistério de Aliança de Deus com o seu povo

Mas a recapitulação de tudo em Jesus Cristo (cf. Ef 1,10; CIC 518) continua a trazer luz. A vocação à comunhão com os outros e com Deus não se realiza só na união conjugal do homem e da mulher. Este sacramento mais antigo, sinal interpelante do amor de Deus pelo seu Povo, não é o único estado de vida a expressar o amor, à imagem e semelhança de Deus. Aos que possam entender Jesus lança o desafio de O seguirem, renunciando ao matrimónio por amor do Reino dos Céus (cf. Mt 19,10-12). Por um lado, a opção de virgindade e celibato testemunha a preciosidade da pérola do Reino, procurada como único valor definitivo (cf. FC 16), e realça o alto valor do matrimónio só superado pelo bem supremo do Reino dos Céus. Por outro lado, Jesus, que dignifica o matrimónio na sua indissolubilidade, apresentando-o como uma opção, a par da virgindade pelo Reino, arranca-o à depreciação de simples condição inevitável e generalizada. A comunidade familiar torna-se peculiar porque, no seu interior, os cônjuges, os pais e os filhos realizam, de modo especial, a sua condição baptismal de participantes na missão profética, real e sacerdotal de Cristo e da Igreja (cf. FC 50).